

Matos, M. Z. M. de S. 2009. A especificidade do sujeito pronominal na fala urbana itabiense. *Estudos Linguísticos*, 38 (2), p. 313-327. Disponível em: <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/38/EL_V38N2_25.pdf>. Acesso em 31 mar.2011.

Matte Bon, F. 1995a. *Gramática Comunicativa del español. De la lengua a la idea*. Madri: Edelsa (Tomo I), 2ª ed.

Matte Bon, F. 1995b. *Gramática Comunicativa del español. De la idea a la lengua*. Madri: Edelsa (Tomo II), 2ª ed.

Neves, M. H. de M. 2000. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora Unesp.

Portugal. 2005. *Quadro de referência para o ensino de português no estrangeiro*. Lisboa: DGIDC/Ministério da Educação.

Salomão, M. M. M. 2008. Construções modais com *dar* no português do Brasil: metáfora, uso e gramática. *Rev. Est. Ling.*, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 83-115, jan./jun. Disponível em: <http://relin.letras.ufmg.br/revista/upload/03-Maria_Margarida.pdf>. Acesso em 25 mar.2011.

Santos, L. 2008. *Para uma Gramática Comunicativa da Língua Portuguesa*. Conferência de abertura dos trabalhos do grupo de pesquisa Gramática Comunicativa do Português. Por videoconferência, Lille (França): Université de Lille 3, 26 nov.

Santos, L. no prelo. Ensino de Português para Estrangeiros e Gramática Comunicativa: dos enunciados gramaticalmente corretos aos enunciados idiomáticamente adequados. *Estudos Linguísticos*, v. 40.

Suso López, J. 2004. La grammaire et les descriptions de la langue: la réflexion sur le fonctionnement de la langue favorise-t-elle l'apprentissage du FLE?. In: Suso López, J. (coord.), *Phonétique, lexique, grammaire et enseignement-apprentissage du FLE*. Granada (Espanha): Método, p. 215-258.

Wilkins, D. A. .1974. *Second-Language Learning and Teaching*. London: Edward Arnold.

OS ATOS DE FALA NUMA GRAMÁTICA COMUNICATIVA DO PORTUGUÊS

Thomas JOHNEN²⁹

RESUMO: Numa gramática comunicativa a descrição dos atos de fala é de uma importância central. Na gramaticografia do português, porém, – com poucas exceções (p.ex. gramática alfabética *Le Portugais de A à Z* (Carreira / Boudoy, 1993 e a brevíssima adaptação ao português da tipologia dos atos de fala de Searle na *Gramática da Língua Portuguesa* de Maria Helena Mira Mateus et al., ⁶2003, pp. 73-80) – os atos de fala costumam não ser tratados. Considerando o ato de fala como unidade mínima do texto, esta comunicação objetiva indagar o lugar dos atos de fala na concepção de uma gramática comunicativa do português (cf. também Schmidt-Radefeldt, 2003). Proporemos, além disso, uma tipologia mais diferenciada e adequada à descrição de uma língua do que as tipologias oriundas da filosofia da linguagem. Apresentaremos com base nos resultados dos trabalhos contrastivos de Johnen/ Weise/ Schmidt-Radefeldt (2003), Johnen (2004) e Schmidt-Radefeldt (2006: 8-179) exemplos que mostram que (especialmente para uma gramática comunicativa concebida para a área de Português Língua Estrangeira) não basta listar catálogos de realizações de atos de fala como é feito no *Nível limiar* (Casteleiro / Meira / Pascoal, 1988) e no *Certificado de Português* (Moraes et al, 1999), mas que faz-se necessário também descrever padrões de sequências de atos de fala, bem como as funções convencionalizadas de cada ato de fala em português uma vez que as línguas divergem também nisso o que dificulta a aquisição de uma competência comunicativa alta na língua alvo.

PALAVRAS-CHAVE: Atos de fala; gramática comunicativa, Português Língua Estrangeira, PLE

0. Introdução

0.1. Gramática comunicativa : considerações gerais

A idéia de conceber uma gramática comunicativa, uma gramática que parte das funções comunicativas e relaciona as categorias da gramática tradicional com estas, nasceu na segunda metade do século XX na época da virada pragmática. Vale mencionar trabalhos teóricos como Morgenthaler (1980), Dittmann (1981), Barkowski (1982), Leech (1983: 157-173), Engel (1990; 2006), Engel / Rytel-Kuc (1993), Mendoza Martínez (1992) ou Schmidt-Radefeldt (2003). Para algumas línguas como o inglês (Leech / Svartvik, ²1994; Lock, 1993), o francês (Charaudeau, 1992), o alemão (Engel / Tertel, 1993), o espanhol (Mate Bon, ²1995) e o sueco (Holmberg / Karlsson, 2006) foram elaboradas gramáticas com uma orientação comunicativa que possuem um grande interesse para elaborações de gramáticas comunicativas futuras em outras línguas. Nenhuma destas gramáticas mencionadas, porém, logrou aplicar até a última consequência o relacionamento sistemático das categorias comunicativas com as categorias da gramática tradicional. Isso não é de se admirar, uma vez que as categorias comunicativas que se revelam relevantes para a língua são numerosas e os critérios de taxonomia não são óbvios. Doutra lado a pesquisa sobre os processos de gramaticalização e, antes de tudo, a teoria da gramática emergente (cf. Hopper, 1987 e Himmelmann, 1992) evidenciaram que o desenvolvimento de morfemas gramaticais acontece no discurso. Disso podemos concluir que as áreas onde se desenvolveram nas diferentes línguas morfemas gramaticais são áreas centrais da comunicação humana (cf. Johnen, 2003: 87-88), as pesquisas tipológicas sobre a gramaticalização poderiam então fornecer resultados relevantes para a estruturação da área nuclear de uma gramática comunicativa (cf. também Geyer/ Žeimantienė 2010: 26-27).

0.2. Atos de fala – um objeto gramaticográfico?

Tradicionalmente as gramáticas, não somente do português, partem dos sons ou dos morfemas e tratam como unidade superior a oração que é, aliás, a unidade superior prevista nas Nomenclaturas Gramaticais Brasileira (cf. NGB, 1959, 28)

²⁹ Universidade de Estocolmo, Departamento de Espanhol, Português e Estudos Latino-Americanos, Universtetsvägen 10B, SE- 10691 Stockholm, Suécia, thomas.johnen@isp.su.se.

e Portuguesa (cf. NGP 1967: 12-13). Nos últimos decênios, algumas gramáticas acrescentaram como unidade superior o nível de texto (cf. p.ex. Bechara, ³⁷1999: 44). Ora, se partirmos do ponto de vista comunicativo, não nos comunicamos em orações, mas em textos (se considerarmos formas de comunicação oral como conversações também como textos), e nem os textos constituídos de orações (cf. Engel, ²1991: 33) como insinua Bechara (³⁷1999: 44-45) no seu capítulo sobre os estratos gramaticais. Quando comunicamos em textos, realizamos ações sociais, portanto por meio de atos de fala. No entanto, *oração* é uma categoria sintática e não uma unidade comunicativa. O ato de fala, sim. Podemos, desse modo, considerá-lo como unidade mínima do texto (cf. Engel, ²1991: 33). Mas como ações sociais podem fazer parte de uma gramática? Se entendermos como tarefa principal de uma gramática descritiva a sistematização explicativa dos usos possíveis do material lingüístico de uma língua (cf. van den Toorn, 1973) e se concordarmos com Wunderlich (¹1974: 129) que para aprender uma língua não basta aprender formar orações aceitáveis e corretas, mas que se faz necessário também aprender o que estas orações podem significar em contextos típicos, vemos que se faz mister considerar também os atos de fala, pois também estes são regidos por normas. Descrever os atos de fala significa, descrever de maneira sistemática, o uso das unidades comunicativas mínimas de uma língua. Além disso, vale lembrar o que Wunderlich (1976: 11) ressalta, que muitos fenômenos em enunciados espontâneos e naturais não podem ser explicados no nível da oração, mas somente no nível do ato de fala ou do texto.

Mas, quais tipos de atos de fala podemos e devemos distinguir? Qual é a função dos atos de fala para a continuação da comunicação, para o desenvolvimento de relações sociais, as práticas sociais? Quais as palavras, quais as outras formas lingüísticas que precisamos usar para realizar um certo ato de fala? A estas perguntas levantadas por Wunderlich (1976: 7) há 35 anos a maioria das gramáticas do português não traz nenhuma resposta. A situação se complica ainda se considerarmos também a policentricidade do português e as variações diastráticas, difásicas e diasituacionais. Assim, também na contribuição limitada deste artigo, não vamos poder resolver todos estes problemas, mas traçar umas pistas e concretizar alguns exemplos.

Faremos em 1 um breve levantamento do tratamento de atos de fala nas poucas gramáticas do português que os consideram, bem como, em materiais feitos para o planejamento de materiais didáticos do português.

Em 2 analisaremos algumas propostas de gramáticas de outras línguas particularmente sob o ponto de vista da tipologia dos atos de fala.

Em 3 apresentaremos no exemplo do contraste entre o português e o alemão de padrões acionais de atos de fala e as implicações para o tratamento dos atos de fala numa gramática comunicativa.

1. Atos de fala em gramáticas do português

As únicas gramáticas do português que conhecemos nas quais os atos de fala possuem um lugar sistemático no interior da concepção do que é considerado como gramática, são as de Mateus et al. (⁶2003), Vilela (²1999) e Vilela / Koch (2001). Carreira / Boudoy (1993) é uma gramática alfabética de consulta e pode, por isso, não oferecer tal lugar. Whitlam (2011: 213-453) apresenta muitos atos de fala na parte que apresenta as funções da linguagem. Nesta parte, porém, não há nenhum capítulo que esteja dedicado sistematicamente aos atos de fala. Os atos de fala são apenas apresentados sob certas funções de linguagem, mas não de maneira sistemática. A *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*, no volume 1 sobre a construção do texto falado (Jubran / Koch, 2006) tampouco dedica um lugar sistemático aos atos de fala, apenas há um capítulo sobre “O par dialógico pergunta – resposta” (Fávero et al., 2006). É interessante observar que o lugar sistemático dos atos de fala em Mateus et al. (⁶2003: 73-84) mudou em comparação às edições anteriores (cf. p. ex. Mateus et al., ²1989:125-133). A gramática começa na sexta edição de 2006 a parte descritiva com o capítulo sobre os usos da linguagem que contem o sub-capítulo sobre “objetivos comunicativos e os atos de fala” (73) enquanto nas edições anteriores o capítulo sobre os atos de fala era precedido do capítulo sobre mecanismos de construção proposicional e de referência (Mateus et al., ²1989: 37-114) e os atos de fala eram

apresentados no capítulo sobre “produção e interação verbal” (115). Desta maneira ressalta-se na edição de 2006 mais a importância central dos atos de fala para a comunicação. A tipologia apresentada, porém, segue muito perto a tipologia de Searle ([1979] 1996: 12-20). Não se apresenta nenhum desenvolvimento mais lingüístico a partir da abordagem de cunho filosófico de Searle, apenas a terminologia é mais adaptada.

Quadro 1: Tipologia de atos de fala em Mateus et al. (⁶2003).

Tipo de ato de fala	Objetivos ilocutórios
Assertivos	“Relacionar o locutor com o valor de verdade da proposição expressa pelo enunciado” (74)
Diretivos	“Tentar que o alocutário realize futuramente uma ação, verbal ou não verbal, que reflita o reconhecimento, por parte desse mesmo alocutário, do conteúdo proposicional do enunciado proferido pelo locutor” (74)
Compromissivos	“Comprometer o locutor no desenrolar futuro de uma ação expressa no conteúdo proposicional do enunciado” (74)
Expressivos	“Exprimir o estado psicológico do locutor sobre o estado de coisas especificado no conteúdo proposicional do enunciado” (74)
Declarações	“Fazer com que um dado estado de coisas do mundo coincida com o conteúdo proposicional do enunciado” (74)
Declarações assertivas	“Fazer com que um dado estado de coisas do mundo coincida com o conteúdo proposicional do enunciado, relacionando o locutor com o valor de verdade da proposição expressa pelo enunciado” (74)

Depois seguem informações de como atos de fala destes grupos podem ser formados. São dados entre outros, exemplos de verbos performativos, tempos verbais, expressões formulaicas. Porém não há informações sobre as situações nas quais os atos de fala são usados, nem sobre os padrões acionais em que se inserem.

Vilela (²1999) trata os atos de fala (460-467) no capítulo sobre “A gramática do texto e análise de texto” (399-497). O autor traça o desenvolvimento da teoria dos atos de fala desde Wittgenstein (cf. Oliveira, 2004) e Austin até Searle e apresenta a tipologia de Searle ([1979] 1996) e uma outra tipologia alternativa à de Searle, cuja origem, porém, não é relevada (“Surgiram outras classificações e uma das mais frequentes é a seguinte”, Vilela ²1999: 462) e que deixa de lado os atos comissivos e declarativos, substituindo-os pelos atos regulativos que estabelecem uma relação social e os atos comunicativos que estruturam a alternância de turnos. Não apresenta argumentos a favor ou contra uma ou outra tipologia e não fornece, além disso, nenhuma descrição das particularidades lingüísticas dos atos de fala em português. O capítulo termina com uma apresentação das críticas à teoria de atos de fala, na qual Vilela se mostra bastante cético quanto a possibilidade de descrição dos atos de fala numa língua:

Ninguém critica a afirmação inicial «fazemos algo com as palavras». Apenas se critica o facto de Austin e continuadores elaborarem taxonomias, estabeleceram categorias fixas dos actos de fala, quererem sistematizar todo esse conceito em regras e classificações difíceis de justificar. Basta considerar o papel do contexto na construção e deconstrução de actos de fala. Como o contexto pode variar, também o mesmo acto de fala pode variar na sua função de «fazer algo» (Vilela ²1999: 467).

Esta crítica não altera em nada a relevância dos atos de fala e da descrição dos mesmos. O contexto muda também a função de itens tradicionais da descrição gramatical como p.ex. morfemas temporais ou pronomes. Como mostraremos mais adiante, não é impossível sistematizar, por exemplo, quais são os outros atos de fala que segundo as regras de uma língua podem ser usados para realizar outro ato de fala (o exemplo clássico seria a pergunta para fazer um pedido).

Vilela / Koch (2001: 421-422) formulam uma outra crítica: que a teoria de atos de fala era mais concentrada em atos isolados. Os dois autores ressaltam, porém, o papel dos atos de fala na construção de um texto apresentando a teoria dos macro-atos de fala de van Dijk (1978: 228-230) e a teoria das trocas conversacionais e a estrutura do discurso da Escola de Genebra (cf. Moeschler, 2001).

A crítica de Vilela (2001), no entanto, é justificada quando não se leva adiante a pesquisa lingüística sobre os atos de fala e quando se tenta forçar os fatos da língua em tipologias desenvolvidas por filósofos como Austin e Searle que se aproximaram ao fenômeno de um horizonte bastante diferente.

Carreira / Boudoy (1993) tratam de alguns atos de fala do português europeu selecionados, em contraste com o francês: endereço (17-18), saudação (71-73), despedida (70-71), pedido (87-88), desculpa (123-124), congratulação (131), condolências (132), apresentação de votos (131-132), ato de apresentar-se (231), ato de apresentar alguém (231-232), agradecimento (263-264), resposta a uma pergunta (264-266), lamentação (259-260), atos de estabelecimento de contato ao telefone (279-280). Em cada entrada são apresentados os meios lingüísticos de realização do ato de fala em questão com indicações meta-pragmáticas.

Whitlam (2011) divide a parte B “Functions” (213-453) da sua gramática do português do Brasil seis partes I “Social contact and communication strategies” (213-242), II “Giving and seeking factual information” (243-311), III “Putting events in a wider context” (313-377); IV “Expressing emotional attitudes” (379-413); V “The language of persuasion” (415-434) e VI “Expressing temporal relations” (435-453). Nestas partes são apresentadas de maneira isolada, como formulas, certas formas típicas de realização de atos de fala, às vezes com informações meta-pragmáticas e/ ou indicações cruzadas para a parte da gramática tradicional. Mas em regra geral são apresentadas listas de formulas e suas respectivas traduções para o inglês. Se, de um lado, é verdade que os atos de fala são apresentados sem nenhuma preocupação de sistematização teórica, vale ressaltar, doutro lado, que as categorias funcionais consideradas são muitas vezes tão pormenorizadas que é possível reconstruir também seqüências dialógicas, por exemplo no caso da categoria “follow-up questions”: “Como vai? – Eu estou bem. E você?” (247) ou da despedida ao telefone, onde é mencionada a resposta “Outro.” à despedida “Um abraço” ou “Um beijo” (227).

Listas extensivas de atos de fala em português foram elaboradas no âmbito do *Nível limiar* (Casteleiro / Meira / Pascoal, 1988: 129-205) para o português europeu e do *Certificado do Português* (Morais et al. 1999: 63-84) para ambas as variedades. Estes materiais valiosos reunidos com a intenção de facilitar a construção de material didático, carecem, porém, em regra geral de indicações meta-pragmáticas e, além disso, são orientados aos iniciantes e por isso consideram antes de tudo (e tão somente) os atos de fala considerados imprescindíveis para conhecimentos básicos em português. Este brevíssimo levantamento do tratamento dos atos de falas na gramaticografia do português mostra que ainda não há nenhuma abordagem abrangente e sistemática. Também faltam tipologias realmente adaptadas à língua portuguesa. Apenas Carreira / Boudoy (1993) fornecem informações sobre as formas lingüísticas para a realização do ato de fala em questão e informações meta-pragmáticas sobre o uso social.

Este estado da gramaticografia não é de se admirar, visto as lacunas que há em regra geral sobre os atos de fala em português. Os autores de gramáticas, ao contrario de temas como morfologia e sintaxe, não se podem basear em muitos estudos lingüísticos.

Quais seriam as tipologias de atos de fala adequadas para a descrição gramatical? Apresentaremos no próximo ponto duas propostas de uma gramática do alemão (Engel, 1991) e do sueco (Holmberg / Karlsson, 2006).

2. Tipologias em gramáticas de outras línguas

Uma das críticas à teoria dos atos de fala que mencionamos acima é que considera estes isolados de interações reais. Assim formula Schmidt-Radefeldt (2003: 21) como um desiderato a uma gramática comunicativa de considerar as seqüência de enunciados e explorá-las como relações gramaticais da semiosis de *actio* e *reactio*. Uma tipologia que explora sistematicamente a relação entre atos de fala iniciativo (*actio*) e reativos (*reactio*) é desenvolvida em Holmberg / Karlsson (2006: 32-37):

Quadro 2: Tipologia de atos de fala de Holmberg / Karlsson (2006)

Troca de:		papel do locutor			
		dando		exigindo	
		afirmação	confirmação	pergunta	resposta
	informação		questionamento		ignorar
mercadorias e serviços	oferta		aceitação	pedido	realização
			rejeição		recusa

O modelo de Holmberg / Karlsson (2006: 36) reagrupa atos informativos, perguntas, ofertas e pedido, segundo aquilo que se troca numa interação: informação ou mercadorias e serviços, e tenta sistematizar também os atos reativos correspondentes. Essa tipologia não abrange todos os atos de fala, nem os mais importantes para a comunicação, mas mostra muito bem o caminho que uma gramática comunicativa que trata os atos de fala pode traçar. Com relação à sistematização dos atos reativos é criticável que não prevê todas as possibilidades de reação verbal. Assim, em vez de reagir com os atos previstos na tipologia de Holmberg / Karlsson (2006), é possível reagir a uma pergunta ou a um pedido com uma pergunta verificativa, um ato de fala reativo, então, com a qual o alocutário deseja verificar se entendeu bem a pergunta ou o pedido. Isso não é somente importante para descrever as regras de seqüência de atos de fala, mas também porque as formas de realização variam de língua para língua também nestes atos que nunca estiveram no foco de atenção daqueles trabalhos que seguiram mais perto a teoria dos atos de fala filosófica de Austin e Searle. A variação das formas lingüísticas que se usam para realizar a pergunta verificativa em três línguas, mostra o exemplo seguinte em que comparamos a pergunta verificativa em sueco com as respectivas traduções da Alemanha (1al), do Brasil (1pb) e do Portugal (1pe):

- (1) “Varför gick du baklänges?” (Lindgren [1945] 2004: 11)
 “Varför jag gick baklänges?”
- (1al) “Warum bist du rückwärts gegangen?
 “Warum ich rückwärts gegangen bin?” (Lindgren [1945] 1971: 13)
- (1pb) — Por que você estava andando de costas?
 — Por que eu estava andando de costas? (Lindgren [1945] 2006: 15)
- (1pe) — Porque é que vieste a andar para trás?
 — Porque é que eu vim a andar para trás? (Lindgren [1945] 2007: 12)

Enquanto em português no caso da pergunta verificativa como ato reativo a uma pergunta de informação não há nenhuma particularidade sintática, em sueco e em alemão há mudanças quanto à ordem das palavras. Em sueco não há inversão verbo-sujeito que é normalmente a característica sintática para perguntas em sueco. Em alemão não só não há a inversão verbo-sujeito, mas também o verbo finito vai ao final da oração – uma posição típica para orações subordinadas, mesmo se em português não há regra específica, para aprendentes de línguas com construções sintáticas

divergentes para perguntas de informação e perguntas de verificação reativas como é o caso do sueco e do alemão é importante saber que em português, a ordem das palavras é a mesma da pergunta de informação, também por isso é importante especificá-los numa gramática.

A tipologia de atos de fala proposta por Engel (1991) prevê também os atos reativos, mesmo se as sequências possíveis não são especificadas de maneira tão sistemática como em Holmberg / Karlsson (2006). Atos de fala que exigem uma reação do alocutário, são chamadas por ele de ‘atos de fala não-saturados’. Mas a divisão principal na tipologia de Engel (1991), no entanto, é entre atos orientados a um alocutário e atos orientados ao locutor mesmo. Estes últimos não exigem nenhuma reação de um alocutário, porque não são obrigatoriamente dirigidos a um tal (mesmo se puderem ser percebidos por alguém ou forem pronunciados para ser percebidos). São atos como o de xingamento sozinho, a expressão de surpresa e de resignação. Os atos orientados a um locutor são divididos em atos informativos, atos de contrabalançamento como agradecimento e desculpa, e, finalmente atos comprometedores. Estes últimos são subdivididos em atos que comprometem o locutor (como a promessa), atos que comprometem o alocutário a uma reação (como perguntas e pedido), atos que comprometem ambos (como ofertas e ameaças) e atos que comprometem pessoas não determinadas (como desejos, anúncios, propostas). Aqui por razões de espaço não poderemos discutir esta tipologia (cf. Quadro 3) em detalhe (para isso veja-se Engel 1991: 35-79; Engel, 2006 ou em contraste com o romeno Engel et al., 1993: 1093-1172).

A grosso modo nos parece uma das melhores tipologias adaptadas na gramaticografia, justamente porque prevê também os atos reativos. Por isso, no projeto de uma gramática comunicativa contrastiva do alemão e do português descrito em Schmidt-Radefeldt (2003) e Johnen (2004) partimos desta tipologia, acrescentando, porém atos de fala estruturadores de discurso (cf. Wunderlich, 1976: 330-351). Assim foram elaboradas descrições iniciais dos atos seguintes em português e alemão: desculpa (Johnen / Weise / Schmidt-Radefeldt, 2003), atos de iniciação de contato (Johnen, 2006a), saudação (Johnen, 2006b), alocação (Johnen, 2006c), agradecimento (Weise, 2006) e atos de tomada e entrega de turno (Schmidt-Radefeldt, 2006). Mas também neste projeto limitado, conseguimos apenas traçar como deveria ser organizada a parte da descrição dos atos de fala como unidade comunicativa mínima do texto. No próximo ponto apresentaremos os elementos que nos pareciam cruciais com base em nossas pesquisas.

Quadro 3: Tipologia de atos de fala de Engel (1991: 36)

atos orientados a um alocutário						atos orientados a locutor
atos informativos	atos de contrabalançamento	atos comprometedores				
		atos que comprometem o locutor	atos que comprometem o alocutário	atos que comprometem locutor e alocutário	atos que comprometem pessoas não determinadas	
comunicado	agradecimento	promessa	pedido	oferta	desejo	xingamento (sozinho)/ surpresa resignação
concordância	desculpa		autorização	ameaça	proposta	
discordância	aceitação		conselho	atos delimitadores de contato	anúncio	
intensificação-generalização	aprovação		repreensão	- saudação		
comentário	congratulação		xingamento	- alocação		
restrição	condolência		advertência	- apresentação		
paráfrase			pergunta	- endereço		
sinal de ouvinte			- pergunta s com resposta sim ou não	- remetente		
			-pergunta de informação			
			- pergunta com alternativas			
		-pergunta verificativa				
		- pergunta esclarecedora				
		- sinal de falante				

3. Elementos para uma descrição de atos de fala numa gramática comunicativa do português

3.1. Micro-estrutura

Cada capítulo dedicado a um determinado ato de fala deveria considerar os elementos seguintes (cf. Johnen, 2004: 622):

- definição do ato de fala em questão
- explicações gerais sobre o ato de fala em questão
- formas de realização explícita
- formas de realização implícitas
- eventualmente: formas de realização não-verbais
- formas não-verbais que acompanham o ato de fala em questão
- sistematização das reações possíveis ao ato de fala em questão
- apresentação de padrões acionais típicos do ato de fala em questão
- eventualmente: exemplos para uma matriz de mal-entendidos culturais relacionada às formas de realização do ato de fala em questão

3.2. Padrões acionais

Se quisermos tomar a sério as críticas à teoria de atos de fala, que esta considera apenas atos isolados e se tomarmos a sério pesquisas como a de Blum-Kulka / House / Kasper (1989) e van Dijk (1978), entre muitas outras, que não podemos mencionar aqui, é evidente que cada ato de fala se insere num padrão acional dominado por um determinado ato de fala. Os outros atos variam segundo parâmetros situacionais e a constelação comunicativa. A questão de quais são os atos de fala que fazem parte de um determinado padrão acional e em qual situação podem ser realizados e sob qual forma, faz parte do estoque social dos conhecimentos da comunidade de fala em questão e varia também de língua para língua, mas também a variação diatrática, diasituacional e diatópica (particularmente em língua policentricas como o português). Também a sequência dos atos de um padrão acional podem variar de língua para língua. Consideremos o exemplo do padrão acional de saudação. Atos de fala frequentes neste padrão acional são em português (como também, por exemplo, em alemão): saudação, alocução, pergunta pelo bem-estar, bem como os respectivos atos reativos como a saudação e a pergunta pelo bem-estar retributivas. Em português a pergunta pelo bem-estar em saudações menos intensivas não precisa ser respondida com uma resposta como no exemplo a seguir uma transcrição de uma emissão de RTP Internacional com participação de ouvintes.

(2) L: vamos ter outro ouvinte... que nos liga... que nos liga da suíça... manuel lopes, viva! bom dia . como está?
ML: olá bom dia, ah... eu... ah... portanto para... portanto não concordo com ah... aquela ouvinte que ligou ah... a poucos minutos sobre... aquilo que ... aconteceu ao benfica esporte e tudo... (JAdA-C, 1)

Além disso, é possível em português usar a pergunta pelo bem-estar como saudação, o que em alemão não seria possível. Temos então constelações diferentes de atos facultativos e obrigatórios nas duas línguas.

Quadro 4: Atos de fala obrigatórios e facultativos no padrão acional SAUDAÇÃO

	alemão	português
a)	SAUDAÇÃO	(SAUDAÇÃO)
b)	(+ALOCUÇÃO)	(+ALOCUÇÃO)
c)	(PERGUNTA PELO BEM-ESTAR)	(PERGUNTA PELO BEM-ESTAR)
	↔	↔
a')	(SAUDAÇÃO)	(SAUDAÇÃO)
b')	(+ALOCUÇÃO)	(+ALOCUÇÃO)
c')	(RESPOSTA À PERGUNTA PELO BEM-ESTAR)	(RESPOSTA À PERGUNTA PELO BEM-ESTAR)
d)	(PERGUNTA PELO BEM-ESTAR RETRIBUTIVA)	(PERGUNTA PELO BEM-ESTAR RETRIBUTIVA)
	↔	↔
d')	(RESPOSTA A D)	(RESPOSTA A D)
	regra: si c) então c'); si d) então d')	

A pergunta pelo bem estar exige em alemão uma resposta, pelo menos curta, mesmo numa saudação menos intensa. Em alemão pode faltar, porém, a pergunta retributiva pelo bem-estar (cf. House, 1979: 79). Uma explicação para

isso poderia ser que a pergunta pelo bem-estar em alemão é mais a iniciação de uma conversa. Além disso, parece haver também normas culturais diferentes de maneira que podem surgir mal-entendidos na comunicação intercultural entre alemães e portugueses ou brasileiros. Para um alemão pode se formar a impressão de superficialidade se uma pergunta pelo bem-estar não recebe nem uma mínima resposta. Os brasileiros e portugueses podem achar os alemães egocêntricos já que respondem com muitos detalhes sobre o próprio bem-estar sem se interessar pelo alocutário através de uma pergunta retributiva pelo bem-estar. Assim podemos chegar a uma sistematizados mal-entendidos possíveis devidos a padrões acionais divergentes no caso da saudação e os valores associados.

Quadro 5: Mal-entendidos possíveis no padrão acional PERGUNTA PELO BEM-ESTAR

Alemão	Português
A pergunta pelo bem-estar demonstra um interesse verdadeiro no estado do alocutário.	A pergunta pelo bem-estar é em primeiro lugar um ritual através do qual se mostra interesse pelo alocutário.
A pergunta pelo bem estar exige pelo menos uma resposta curta.	Se o grau de ritualização da saudação for alto, uma resposta à pergunta pelo bem-estar é facultativa.
No alemão, não responder a uma pergunta pelo bem-estar é considerado como violação das normas.	Uma resposta detalhada e exaustiva à pergunta pelo bem-estar pode provocar um distúrbio de comunicação ou provocar pelo menos estranhamento.
Se a pergunta pelo bem-estar receber uma resposta mais detalhada, a pergunta pelo bem-estar retributiva se faz apenas depois de terminar o tema (=reposta a pergunta pelo bem estar.	Se a pergunta pelo bem-estar recebe uma resposta, a resposta é curta. A pergunta pelo bem-estar retributiva que segue é demonstra interesse pelo bem-estar do parceiro de comunicação. Há um interesse mais profundo de conversar sobre o bem-estar do parceiro, será feito uma pergunta mais indicativa depois da troca destes dois atos de fala.
Em alemão uma resposta curta à pergunta pelo bem-estar é um sinal que o alocutário não deseja falar sobre seu estado atual.	Pode ser considerado falta de interesse pelo parceiro quando não se faz a pergunta pelo bem-estar retributiva.

Quadro 6 é a abertura de uma conversação telefônica brasileira entre duas mulheres (idade: por volta de 50 anos, ensino médio completo). São amigas. A conversação foi gravada em 1994 e transcrita por Silva (1998: 205). Para facilitar a leitura, introduzimos os nomes fictícios de Nair e Ida. Nesta interação se vê bem o caráter ritual da pergunta pelo bem-estar, mas também que embora desta comunicação ritual, há estratégias para não permanecer na superficialidade (Para uma análise mais aprofundada cf. Johnen, no prelo).

Quadro 6: Incício de um telefonema

IDA	1 fórmula específica para atender ligações telefônicas	pronto
NAIR	2 pedido indireto de identificação	Ida?
IDA	3 fórmula para reestabelecer o contato	oi?
NAIR	4 saudação	oi bom dia
IDA	5 retribuição da saudação	bom dia
NAIR	6 pergunta pelo bem-estar	como que está?
IDA	7 pergunta pelo bem-estar retributiva	tudo bem?
NAIR	8 marcador de planificação verbal	ahn
IDA	9 pergunta pelo bem-estar / pergunta sobre novidades	e aí?

NAIR	10 pergunta pelo bem-estar concretizada	está melhor?
IDA	11 resposta afirmativa	estou
NAIR	12 pergunta pelo bem-estar indagativa	está?
IDA	12.1 pedido de identificação explícita	quem está falando?
	12.2 pergunta de verificação (se a pessoa que está ligando é aquela que a pessoa que atendeu pensa)	É a Luiza?
NAIR	13 auto-identificação da pessoa que está ligando	é a Nair
IDA	14.1 saudação	oi
	14.2 locução "nome"	Nair
	14.3 exclamação de surpresa	puxa vida
	14.4 justificação de não ter conseguido identificar a voz da pessoa que está ligando	é a voz da Luiza ...
	14.5 resposta detalhada à pergunta pelo bem-estar	estou boa fiquei na cama hoje

Fonte: Silva, Ademir da (1997), A expressão da futridade na língua falada. Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp-IEL, p. 205.

Além das normas sobre facultatividade e obrigatoriedade de certos atos em padrões acionais, as regras divergem também com relação à normas sociais relativas à posição social dos interlocutores. Em (3) A, o interlocutor de uma posição social mais baixa, dirige a B a pergunta pelo bem-estar.

- (3) A: Muito boa tarde, Senhor Doutor, como está?
B: Bem, muito obrigado, e o senhor?
A: Bem, obrigado. E a esposa como está?
B: Bem, obrigado, graças a Deus (Carreira / Boudoy, 1993: 72).

Na comunicação intercultural entre lusófonos e germanófonos podem surgir também aqui mal-entendidos interculturais sérios, podendo ser entendida esta pergunta por um interlocutor alemão de posição social mais alta como tentativa de violação da esfera privada, enquanto um interlocutor português ou brasileiro de posição social mais alta pode entender a pergunta pelo bem estar como uma manifestação de interesse e apreciação.

3.3. Enrede de atos de fala

Também são regidas por normas que podem ser diferentes de língua para língua, as formas implícitas de realização de um ato de fala, por exemplo, um lamento para realizar uma desculpa (cf. Johnen / Weise / Schmidt-Radefeldt, 2003: 51-54), doutro lado pode a desculpa ser usada em alemão como ato de inciação de um contato, enquanto este uso em português é mais restrito à fórmula *perdão* no PE (cf. Johnen, 2004, 639).

Uma gramática comunicativa teria que sistematizar também estas realizações implícitas, convencionalizadas e, por isso, não previsíveis por aprendentes.

4. Perspectivas

Ilustramos neste tratado limitado o lugar dos atos de fala numa gramática comunicativa como unidade mínima do texto. A complexidade do tema e o grande número de atos de fala possíveis – e até hoje não descritos, torna uma descrição

exaustiva difícil se não impossível. Mas mesmo assim, parece imprescindível integrar uma descrição sistemática dos atos de fala mais centrais para a comunicação, nos moldes aqui ilustrados. Tornou-se também evidente que urgem mais pesquisas sobre esta área em português. Estudos contrastivos também são importantes, não só para poder analisar melhor eventuais erros de aprendentes de diferentes L1, mas também por razões heurísticas, porque na luz das línguas contrastadas, a especificidade dos atos de fala em português torna-se mais evidente.

Referências Bibliográficas

AdAJ – Johnen, Alessandra de Almeida. 2003. Clube da Amizade, RTP Internacional em 10 de maio de 2003. Transcrição inédita.

Austin, John L[angshaw]. [1962] 2006. *Como hacer cosas con palabras: palabras y acciones*. Compilado por J. O. Urmsom. Tradução Genaro Carrió e Eduardo Rabossi. Buenos Aires: Paidós.

Barkowski; Hans. *Kommunikative Grammatik und Deutschlernen mit ausländischen Arbeitern*. Königstein/Ts: Scriptor (Lernen mit Ausländern; Reihe A: Modelle und Perspektiven; 5).

Bechara, Evanildo. 371999. *Moderna gramática portuguesa*. Rio Janeiro: Lucerna.

Blum-Kulka, Shoshana / House, Juliane / Kasper, Gabriele (Org.). 1989. *Cross-Cultural Pragmatics: Requests and Apologies*. Norwood, New Jersey: Ablex (Advances in Discourse Processes; 31).

Carreira, Maria Helena Araújo; Boudoy, Marivonne. 1993. *Le portugais de A à Z*. Paris: Hatier.

Casteleiro, João Malaca; Meira, Américo; Pascoal, José. 1988. *Nível limiar: para o ensino / aprendizagem do Português como língua segunda / língua estrangeira*. Strasbourg: Conselho da Europa; Lisboa: ICALP.

Charaudeau, Patrick. 1992. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris : Hachette.

Dijk, Teun A[drianus] van. 1978. *Tekstwetenschap: een interdisciplinaire inleiding*. Utrecht; Antwerpen: Het Spektrum (Het wetenschapelijke boek; 633).

Dittmann, Jürgen. 1981. Konstitutionsprobleme und Prinzipien einer kommunikativen Grammatik. In: Schröder, Peter; Steger, Hugo (Org.). *Dialogforschung: Jahrbuch 1980 des Instituts für Deutsche Sprache*. Düsseldorf: Schwann (Sprache der Gegenwart; 54), p. 135-177.

Engel, Ulrich. 1990. Kommunikative Grammatik? In: *Muttersprache* v. 100. Wiesbaden; Berlin: Gesellschaft für deutsche Sprache, p. 99-115.

Engel, Ulrich. 21991. *Deutsche Grammatik*. Heidelberg: Groos; Tokyo: Sansyusya.

Engel, Ulrich. 2006. Deutsch-polnische kontrastive Grammatik: dpg – der dritte Band. In: Fries, Norbert; Fries, Christiane (Org.). *Deutsche Grammatik im europäischen Dialog. Beiträge zum Kongress Krakau 2006*. Disponível em: <http://www2.rz.hu-berlin.de/linguistik/institut/syntax/krakau2006/beitraege/engel.pdf>. Acesso em 22 de agosto de 2011.

Engel, Ulrich; Rytel-Kuc, Danuta. 1995. Etwas tun: Über die Möglichkeit grammatische Kategorien gemeinverständlich zu motivieren. In: Popp, Heidrun (Org.). *Deutsch als Fremdsprache: An den Quellen eines Faches; Festschrift für Gerhard Helbig zum 65. Geburtstag*. München: Iudicium, p. 23-40.

Engel, Ulrich; Tertel, Rozemaria K. 1993. *Kommunikative Grammatik Deutsch als Fremdsprache: die Regeln der deutschen Gegenwartssprache in 30 gemeinverständlichen Kapiteln – mit Texten und Aufgaben*. München: Iudicium.

Fávero, Leonor Lopes et. al. 2006. O par dialógico pergunta – resposta. In: Jubran, Célia Cândida Abreu Spinardi / Koch, Ingedore Grunfeld Villaça (Org.). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*, Vol. 1: *Construção do texto*. Campinas: Editora da Unicamp, p. 133-166.

Geyer, Klaus; Žeimantienė, Vaiva. 2010. Zu einer Grammatik des Deutschen und des Litauischen im Vergleich: Bestandsaufnahme, Konzepte und Perspektiven. In: *Kalbotyra* v 62,3. Vilnius : Vilniaus Univ. Leidykla, p. 22-40: Disponível em: http://www.leidykla.vu.lt/fileadmin/Kalbotyra_3/62_3/22-40.pdf. Acesso em 22 de agosto de 2011.

Himmelman, Nikolaus J. 1992. *Grammaticalization and Grammar*. Köln: Institut für Sprachwissenschaft der Universität zu Köln (Arbeitspapier; 16 N.F.).

Holmberg, Per; Karlsson, Anna-Malin. 2006. *Grammatik med betydelse: En introduktion till funktionell grammatik*. Uppsala: Hallgren & Fallgren (Ord och stil; 37).

Hopper, Paul. 1987. Emergent Grammar. In: Aske, John et al. (Org.). *Berkeley Linguistics Society: Proceedings of the Thirteenth Annual Meeting, February 14-16, 1987; General Session and Parasession on Grammar and Cognition*. Berkeley, California: BLS, p. 139-157.

House, Juliane. 1979. Interaktionsnormen in deutschen und englischen Alltagsdialogen. In: *Linguistische Berichte* v. 59. Hamburg: Busse, p. 76-90.

Johnen, Thomas. 2003. *Die Modalverben des Portugiesischen (PB und PE): Semantik und Pragmatik in der Verortung einer kommunikativen Grammatik*. Hamburg: Kovach (Philologia; 60).

Johnen, Thomas. 2004. Sprechakte kontrastiv: Das Rostocker Forschungsprojekt „Sprachvergleich Euro-Portugiesisch – Deutsch – eine textlinguistisch und kommunikationsorientierte Gegenüberstellung des Deutschen und Portugiesischen“. In: Wolff, Armin; Ostermann, Thorsten; Chlosta, Christoph (Org.). *Integration durch Sprache*. Regensburg: Fachverband Deutsch als Fremdsprache (Materialien Deutsch als Fremdsprache; 73), p. 605-656.

Johnen, Thomas. 2006a. Zu Sprechakten der Kontaktaufnahme im Deutschen und Portugiesischen. In: Schmidt-Radefeldt, Jürgen (Org.). 2006. *Portugiesisch kontrastiv gesehen und Anglizismen weltweit*. Frankfurt am Main et al.: Lang (Rostocker Romanistische Arbeiten; 10), p. 9-30.

Johnen, Thomas. 2006b. Zur Begrüßung im Deutschen und Portugiesischen. In: Schmidt-Radefeldt, Jürgen (Org.). 2006. *Portugiesisch kontrastiv gesehen und Anglizismen weltweit*. Frankfurt am Main et al.: Lang (Rostocker Romanistische Arbeiten; 10), p. 31-72.

Johnen, Thomas. 2006c. Zur Anrede im Deutschen und Portugiesischen. In: Schmidt-Radefeldt, Jürgen (Org.). 2006. *Portugiesisch kontrastiv gesehen und Anglizismen weltweit*. Frankfurt am Main et al.: Lang (Rostocker Romanistische Arbeiten; 10), p. 73-107.

Johnen, Thomas. No prelo. What can cross-cultural transcript analysis contribute to the development of intercultural competence. In: Harden, Theo/ Witte Arnd (Org.): *Intercultural competence: concepts - challenges – evaluations*. Frankfurt am Main: Lang (Intercultural Studies and Foreign Language Learning).

Johnen, Thomas / Weise, Karin / Schmidt-Radefeldt, Jürgen. 2003. ‚Sich entschuldigen‘ im Deutschen und Portugiesischen. In: Lusorama v. 54. Frankfurt am Main: Domus Editoria Europaea, p. 6-70.

Jubran, Célia Cândida Abreu Spinardi / Koch, Ingedore Grunfeld Villaça (Org.) 2006. *Gramática do Português Culto*

Falado no Brasil, Vol. 1: *Construção do texto*. Campinas: Editora da Unicamp.

Leech, Geoffrey N. 1983. *Principles of pragmatics*. London; New York: Longman (Longman Linguistics Library; 30).

Leech, Geoffrey; Svartvik, Jan 1994. *A communicative grammar of English*. Harlow: Pearson.

Lindgren, Astrid. [1945] 2004. *Pippi Långstrump*. Stockholm: Rabén & Sjögren.

Lindgren, Astrid. [1945] 1971. *Pippi Langstrumpf*. Tradução de Cécilie Heinig. Hamburg: Oetinger.

Lindgren, Astrid. [1945] 2006. *Pippi Meialonga*. Tradução de Maria de Macedo. São Paulo Companhia das Letras.

Lindgren, Astrid. [1945] 2007. *Pipi das meias altas*. Tradução de Maria do Céu Mascarenhas. Lisboa: Difel.

Lock, Graham. 1996. *Functional English Grammar: an Introduction for Second Language Teachers*. Cambridge et al.: Cambridge University Press.

Mateus, Maria Helena Mira et al. 1989. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho.

Mateus, Maria Helena Mira et al. 2003. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho.

Matte Bon, Francisco 1995. *Gramática comunicativa del español, tomo II: De la idea a la lengua*. Madrid: Edelsa.

Mendoza Martínez, Felix. 1992. Acerca de una descripción de la gramática con fines comunicativos. In: Asociación Mexicana de Maestros y Maestros de Lenguas Extranjeras (Org.). *Encuentro AMMMLEX A.C., México 1991-1992*. México, DF: AMMMLEX, p. 1-14.

Moeschler, Jacques. 2001. The Geneva School. In: Brinker, Klaus et al. (Org.): *Text- und Gesprächslinguistik / Linguistics of Text and Conversation: Ein internationales Handbuch zeitgenössischer Forschung/ An International Handbook of Contemporary Research*. Berlin; New York: de Gruyter (Handbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft; 16,2), 952-957.

Morais, Armindo José et al. 1999. *Certificado de Português: Objectivos de Aprendizagem e Teste-Modelo*. Frankfurt am Main: WBT Weiterbildungs-Testsysteme.

Morgenthaler, Erwin. 1980. *Kommunikationsorientierte Textgrammatik: ein Versuch, die kommunikative Kompetenz zur Textbildung und –rezeption aus natürlichem Sprachvorkommen zu erschließen*. Düsseldorf: Schwann (Sprache der Gegenwart; 51).

NGB. [1959] 1999. Nomenclatura Gramatical Brasileira. [1959] 1999. In: Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda (3 1999): *Aurélio Século XXI: O dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. XXVI-XXIX.

NGP. 1967. *Nomenclatura Gramatical Portuguesa: Texto oficial e trabalhos preparatórios*. Lisboa: Ministério da Educação Nacional, Gabinete de Estudos e Planeamento da Acção Educativa.

Oliveira, Paulo. 2004. Implicações do pensamento de Wittgenstein para o ensino de línguas. In: *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, Série 3, v. 14,2. Campinas: Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência - Unicamp, p. 335-363. Disponível em: <<http://www.cle.unicamp.br/cadernos/pdf/Paulo%20Oliveira.pdf>>. Acesso em 27 de agosto de 2011.

Schmidt-Radefeldt, Jürgen. 2003. Zur Konzeption einer kommunikativen Sprachvergleichs-Grammatik Deutsch/ Portugiesisch. In: Blühdorn, Hardarik / Schmidt-Radefeldt, Jürgen (Org.). *Die kleineren Wortarten im Sprachvergleich Deutsch – Portugiesisch*. Frankfurt am Main et al. (Rostocker Romanistische Arbeiten; 7), 17-34.

- Schmidt-Radefeldt, Jürgen. 2006. Zum Sprechewechsel im Portugiesischen und Deutschen. In: Schmidt-Radefeldt, Jürgen (Org.). 2006. *Portugiesisch kontrastiv gesehen und Anglizismen weltweit*. Frankfurt am Main et al.: Lang (Rostocker Romanistische Arbeiten; 10), p. 109-124.
- Schmidt-Radefeldt, Jürgen (Org.). 2006. *Portugiesisch kontrastiv gesehen und Anglizismen weltweit*. Frankfurt am Main et al.: Lang (Rostocker Romanistische Arbeiten; 10).
- Searle, John R. [1979] 1996. *Expression and Meaning: Studies in the Theory of Speech Acts*. Cambridge; New York; Melbourne: Cambridge University Press.
- Silva, Ademar da. 1997. *A expressão da futuridad na língua falada*. Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp-IEL.
- Toom, M. C. 1973. *Nederlandse Grammatica*. Groningen: H.D. Tjenk Willink.
- Vilela, Mário² 1999. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina.
- Vilela, Mário; Koch, Ingedore Villaça. 2001. *Gramática da Língua Portuguesa: Gramática da palavra, gramática da frase, gramática do texto*. Coimbra: Almedina.
- Weise, Karin. 2006. Sprechakte des Dankens im Deutschen und Portugiesischen. In: Schmidt-Radefeldt, Jürgen (Org.). 2006. *Portugiesisch kontrastiv gesehen und Anglizismen weltweit*. Frankfurt am Main et al.: Lang (Rostocker Romanistische Arbeiten; 10), p. 125-166.
- Whitlam, John. 2011. *Modern Brazilian Portuguese Grammar: a practical guide*. London; New York: Routledge.
- Wunderlich, Dieter.³ 1974. Sprechakte. In: Maas, Utz; Wunderlich; Dieter (Org.). *Pragmatik und sprachliches Handeln mit einer Kritik am Funkkolleg »Sprache«*. Frankfurt/Main: Athenaiion (Athenaiion-Skripten Linguistik; 2), p. 69-188.
- Wunderlich, Dieter. 1976. *Studien zur Sprechaktheorie*. Frankfurt am Main: Suhrkamp Suhrkamp Taschenbuch Wissenschaft; 172).



第三届葡萄牙语国际研讨会 语言政策和全球新一代葡语人才的培养

III SIMELP

Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa

A Formação de Novas Gerações de Falantes de Português no Mundo

FSH
Departamento
de Português

Macau
China



III SIMELP:
A formação de novas gerações de falantes de português no mundo

TEIXEIRA E SILVA, Roberval; YAN, Qiarong; ESPADINHA, Maria Antónia; LEAL, Ana Varani. (orgs.) 2012.
III SIMELP: A Formação de Novas Gerações de Falantes de Português no Mundo. China, Macau: Universidade de Macau.

Organização	Roberval TEIXEIRA E SILVA; Qiarong YAN; Maria Antónia ESPADINHA; Ana Varani LEAL
Capa	Rebecca Cristina
Publicação	Universidade de Macau Departamento de Português
Data	Setembro de 2012
Impressão em Macau	Icon Communications
Tiragem	1.000 exemplares
ISBN	978-99965-1-035-9